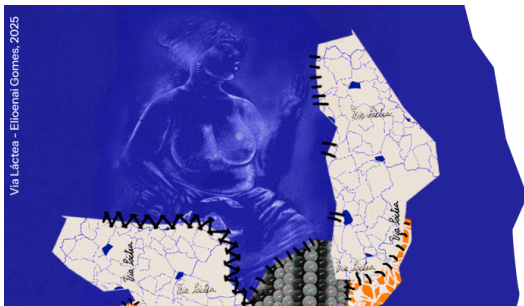




“AS LINHAS QUE NOS UNEM”: O USO DE OBJETOS PROPOSITORES EM ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

“THE YARNS THAT BOND US”: THE USE OF PROPOSING OBJECTS IN ART ON YOUTH AND ADULT EDUCATION

Rayza de Lima Cândido Feitosa¹

Universidade Federal de Pernambuco

Marina Castro Dias Freitas²

Universidade Federal de Pernambuco

Luciana Borre Nunes³

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever uma experiência pedagógica durante o Estágio Curricular Obrigatório 1 em Artes Visuais realizado com turmas do Ensino Fundamental II da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As ações foram realizadas em uma escola da rede estadual de referência, na cidade do Recife, durante o segundo trimestre de 2025. Com base nessa vivência, os argumentos apresentados aqui buscam destacar o potencial dos objetos propositores em Artes como uma abordagem que acolhe as necessidades contemporâneas das/os estudantes. Dessa forma, este texto apresenta a atividade “As linhas que nos unem” desenvolvida no campo da arte têxtil, bem como as reflexões surgidas durante o estágio obrigatório.

Palavras-chave: Objeto Propositor em Artes; Educação de Jovens e Adultos; Artes Visuais; Arte Têxtil.

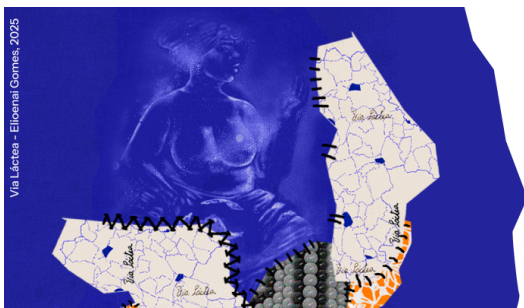
Abstract: This article has the objective to describe a pedagogical experience during Mandatory Internship 1 in Visual Arts executed with classes from the middle school of youth and adult education. The actions were implemented in a reference middle school of the state, in the city of Recife, during the second quarter of 2025. Based on the referred experience, the arguments presented here seek to highlight the potential of the proposing objects in arts as an approach that embraces the contemporary needs of the students. Thus, this text presents the activity “The yarns that bond us” developed in the field of textile art, along with the reflections that emerged during the mandatory internship.

Keywords: Proposing Objects in Art; Youth and Adult Education; Visual Arts; Textile Art.

¹ Rayza Cândido é graduanda do curso Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco. Técnica em Artes Visuais. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0392884207386246>

² Marina Castro é Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5535612189968871>

³ Luciana Borre é Professora nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Arte e Cultura Visual. Mestra em Educação, especialista em Gestão Escolar e pedagoga. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9232357001079673>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1929-3734>.



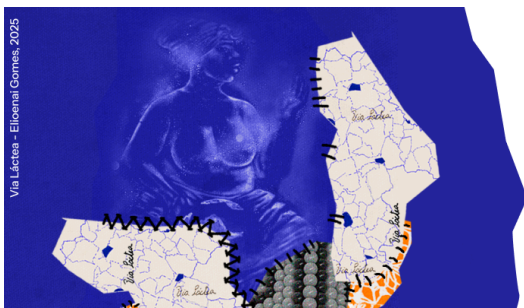
1. PRIMEIROS PONTOS

Neste artigo relataremos uma experiência artístico pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolvida durante o estágio curricular obrigatório em Artes Visuais, com os 7º e 9º anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola de referência da Rede Estadual de Ensino, Recife-PE.

Havia bastante curiosidade, por nossa parte, em conhecer essa modalidade, sendo esta pouco comentada de forma aprofundada em nosso curso. Logo notamos o contraste entre as nossas concepções prévias sobre o modelo de ensino e a realidade observada naquela escola. Nosso imaginário era habitado por crenças limitantes e figuras estereotipadas, tais como: idosas que desde crianças precisaram trabalhar, menores infratores, mães adolescentes que abandonaram a escola para cuidar de seus filhos, ou aposentados realizando o sonho da alfabetização. É verdade que encontramos histórias marcadas pelas necessidades sócio econômicas e pelas vulnerabilidades sociais, mas também percebemos que cada relato de vida continha uma imensidão de possibilidades e aprendizagens. Que o ambiente escolar era espaço de formação cidadã para aquelas turmas.

Durante a nossa formação acadêmica fomos apresentadas as diversas possibilidades de metodologias de ensino, tanto tradicionais quanto ativas, para lidar com as adversidades que possam ocorrer no processo de ensino. Bem como a complexidade dos alunos com diversos perfis e obstáculos na aprendizagem. Esses momentos foram cruciais em nossa trajetória, onde refletimos sobre que tipo de educadoras almejamos ser.

Com base nas carências educacionais e sociais que observamos no estágio, optamos pelo uso de um recurso didático inesperado pelos estudantes: O objeto propositor em arte. Assim como França e Souza (2021) relatam em seus estudos, um grande fator contribuinte para que os alunos da EJA permaneçam na escola, é, também, a qualidade das aulas assistidas. Argumentaremos sobre a necessidade de pensar em aulas únicas a partir das características individuais e coletivas das turmas.

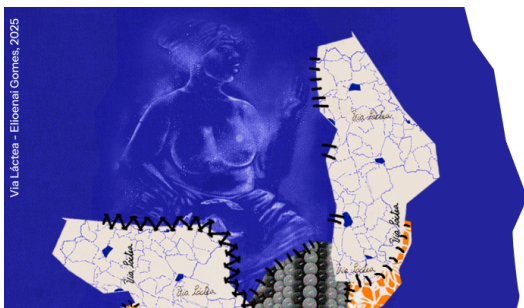


Exemplificaremos como usamos os objetos propositores em arte para além de sua função ou de um simples jogo. Nas aulas que serão relatadas, atrelamos conteúdos do campo da Arte Têxtil com as possibilidades de experimentação de técnicas artísticas, apresentação de artista, memória afetiva e o fazer artístico enquanto brincadeira. Fazendo-nos questionar a maneira de se ensinar e de aprender artes visuais.

2. QUE ALUNOS SÃO ESSES QUE COMPÕEM A EJA?

É importante aqui constatar a heterogeneidade encontrada nas turmas em que as atividades ocorreram. As características de grupo do 7º ano se detiveram em adolescentes ainda não alfabetizados e que apresentavam postura passiva em sala de aula, contrastando com outros grupos de adultos e idosos engajados, curiosos e contentes com o tempo em sala de aula. Já em grande volume, o 9º ano foi constituído por adolescentes devidamente alfabetizados, porém, uma turma desafiadora por apresentar comportamentos desrespeitosos com o espaço escolar e com as pessoas. Podemos notar que essa modalidade “abarca sujeitos que não tiveram acesso à educação ou que tiveram seu percurso escolares interrompidos” (FRANÇA E SOUZA, 2021, p. 334)

A diferença de idade que observamos no 9º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em comparação ao 9º ano no ensino regular foi surpreendentemente mínima. Alcides A. Filho et. al (2021 p. 719) aponta como problemática essa juvenilização da EJA por conter uma descaracterização da modalidade. Percebemos, assim, a noção de deslocamento desses estudantes que não se encaixam no modelo tradicional de ensino, podendo ser pela questão social, dificuldades de aprendizagem que não foram devidamente acolhidas, tratamentos agressivos a partir de professores, famílias disfuncionais e situações de vulnerabilidade. Fazendo-nos refletir a falta de pertencimento, ao qual estes estão desconexos tanto do ensino regular como na EJA.



Em sua pesquisa, França e Souza (2021) apresentam dados sobre evasão escolar na Educação de jovens e adultos (EJA), realizada com estudantes e docentes das redes estaduais, revelam que:

Os fatores que mais contribuem para a permanência do estudante na escola, o apoio familiar (29%) e as aulas mais atrativas (27% configurando os mais recorrentes citados, seguidos por trabalho (21%) e proximidade da residência (16%) ...importante entender o contexto em que o estudante está inserido e a complexidade das relações e efeitos de que dali emanam (FRANÇA e SOUZA, 2021, p. 347)

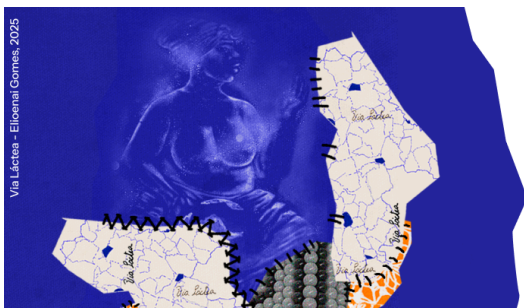
A partir dessa percepção, surgiu a necessidade de criar materiais e práticas educacionais que estimulam a permanência e que contribuíssem para uma ambiente seguro e acolhedor. Estimulando a socialização e o senso de pertencimento em conjunto com os conhecimentos específicos do ensino das Artes Visuais.

3. “QUE NÓ VOCÊ GOSTARIA DE DESATAR?”

Desse modo, convém notar a disparidade entre essas turmas, de forma que houve pontos cruciais das necessidades de aprendizagem em grupo e habilidades individuais. Através de nossa perspectiva como docentes, buscamos moldar nosso planejamento de aulas atentas aos desafios percebidos.

A questão do analfabetismo somou-se ao obstáculo do analfabetismo visual. O professor de arte na EJA, sem formação na área, trabalhava o componente na confecção de decoração para festividades e trazendo filmes com temáticas históricas, ao qual os estudantes precisavam de suporte para o entendimento mínimo do contexto histórico, estético e narrativo do filme. Percebemos que em nossas aulas poderá ser contraproducente abordar leitura de imagem, trabalhar técnicas como pintura ou desenho, ou trazer extensos conteúdos.

Ana Mae Barbosa (2018) defende a metodologia moldada pelo professor a partir das diversas dinâmicas que ocorrem em sala de aula, criamos nossa percepção metodológica, abraçando as características mencionadas acima, em conjunto ao uso dos Objetos Propositores em Arte confluindo com os conteúdos de arte têxtil. Esse campo favoreceu o desenvolvimento de nossas ações,



principalmente porque podemos planejar o material a partir das possibilidades de aprendizagens que sejam próximas ao cotidiano dos estudantes.

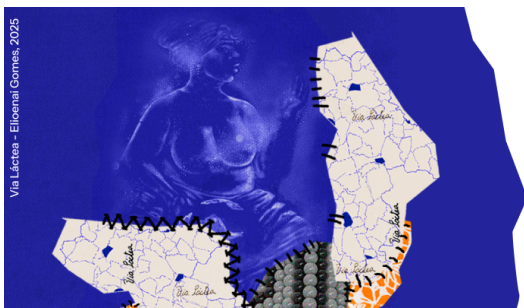
são, portanto, objetos especialmente pensados para reinventar e reconstruir conhecimentos que continuam a se transformar. Isso significa provocar novas formas de pensar e se relacionar com os conhecimentos...exige pensar nas dimensões em que acontece a experiência estética e pedagógica. (FERNANDEZ e DIAS, 2015, p. 9)

Nessa experiência pedagógica, e com base nos autores, o objeto propositor em arte se transformou para além de um recurso didático, mas sim uma abordagem como possibilidade assertiva de construção de aprendizagem conjunta, valorizando o diálogo e a bagagem de vida do estudante da EJA, que afinal de contas, apresenta peculiaridades que devem ser levadas em consideração no momento do planejamento pedagógico.

Uma das características do uso dos objetos propositores em arte é a descaracterização da função primária do objeto e isso foi crucial para o planejamento e para nossa própria compreensão do que é a EJA. A pergunta motivadora para esse raciocínio foi: “como poderíamos criar uma aula prática de arte têxtil para essas turmas utilizando vocabulários, técnicas e noções próximas às suas realidades?”

Ao observar essas necessidades e na busca por metodologias que pudessem suplementar nossas exigências, o brincar e experimentar se tornou um meio para a aprendizagem. Fernández (2016, p. 273) diz que “o jogo é também um meio fundamental de aprendizagem na infância, na juventude e na vida adulta.” Esses autores chamam de “objetos de aprendizagem poéticos” (OAP) e nós decidimos utilizar a linha como artefato potente para instigar o brincar, aprender e o fazer artístico.

Geralmente no campo têxtil as linhas são usadas para desenvolver técnicas de bordado, crochê, tricô, macramê e diversas outras. No entanto, desassociamos a mesma de sua funcionalidade inicial e transformamos os corpos das/os estudantes nos próprios suportes que tecem. Dessa forma proporcionamos o movimento do corpo, o falar e ouvir, fazendo com que os estudantes estivessem presentes nas

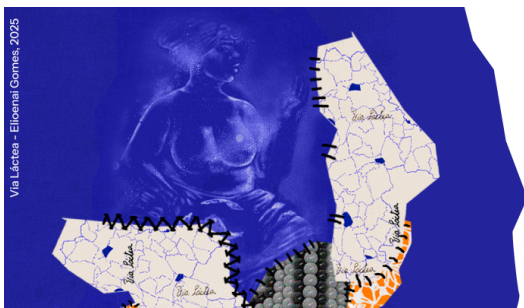


atividades, participando enquanto brincavam e desenvolvendo as habilidades de socialização. Queríamos quebrar a distância que existia entre aluno x professor. Fornecer uma experiência que não dependesse em ser habilidoso, que eles não precisassem ser diferentes do que são, e podendo falar sobre suas vidas.

Visamos trabalhar, além dos objetivos para com o conteúdo de arte têxtil, habilidades sociais, memória afetiva com o têxtil e a importância da empatia dentro da escola, visando o entrosamento da turma, pois muitos não sabiam o nome do colega, e ainda eram desrespeitosos. A partir disso, os nossos objetivos pedagógicos foram: verbalizar problemas pessoais; estimular a escuta ativa e o respeito com o colega; incentivar o entrosamento da turma; valorizar memórias individuais e coletivas com o uso de materiais têxteis; apresentar a vida e a obra do artista Bispo do Rosário; refletir o caráter colaborativo da trajetória de vida e superação de obstáculos; enfatizar a importância de praticar a empatia na escola e na família e; criar conexões entre as variadas formas de nó/laço/ponto e os caminhos da vida.

Vale ressaltar que atendemos as seguintes habilidades descritas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), tais como: “pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros [...]” (BRASIL, 2017, p. 207) E “diferenciar as categorias de artista, artesão, produtor cultural, curador, designer, entre outras, estabelecendo relações entre os profissionais do sistema das artes visuais” (BRASIL, 2017, p. 207)

O primeiro encontro aconteceu com todos em pé, formando um círculo. Nesse momento nós compartilhamos com eles nossos pensamentos para a criação dessa aula e considerações que surgiram. Refletimos sobre algumas metáforas que fazem alusão a arte têxtil, tais como: “tecer problemas/soluções”, “nó na garganta”, “fio da vida”, de forma que eles foram acrescentando metáforas e seguindo o fluxo do pensamento. De maneira natural apresentamos aos alunos o conceito de arte têxtil ligado a narração de histórias e afetos, citando especificamente a história e a arte produzida por Bispo do Rosário. Também estimulamos a contação de memórias envolvendo a arte têxtil e a importância afetiva, estética e artística que o têxtil consegue carregar.



A escolha de comentar sobre Arthur Bispo do Rosário na aula se relaciona com a sua trajetória de vida. O mesmo produziu sua obra enquanto esteve internado na extinta Colônia Juliano Moreira (RJ), hoje museu que leva o nome do artista. O diagnóstico de esquizofrenia, a “ausência de formação acadêmica, falta de convívio social, a escassez de matéria prima especializada” (CLAUS, 2006, p. 06) foram adversidades da vida transformadas em potência criativa, cujo o método consistia em:

Uma metáfora romântica que... no interior de sua cela, desfiava seus uniformes de interno para obter fios azuis desbotados com os quais bordava sua cartografia, mumificava os objetos do seu cotidiano. O artista desnuda-se, despoja-se para dar existência à obra, assinalando a transitoriedade do corpo em oposição à permanência do trabalho. (MESQUITA, 1989, p. 34 Apud CLAUS, 2006, p. 02)

O interesse e a identificação acerca da vida de Bispo do Rosário foi unânime entre as turmas. A socialização verbal aumentou indicando que o grupo considerou que Bispo do Rosário também estava deslocado da sociedade, assim como eles, e que, apesar das dificuldades, floresceu. É válido ressaltar, que não apresentamos leitura de imagem da obra do artista. Comentamos sua vida e descrevemos um pouco de sua obra, a fim de estimular o imaginário dos estudantes.

Depois disso, distribuímos pedaços de linha para todos presentes na sala instruindo-os para a criação de um nó (figura 1), e a partir da apresentação destes, co-relacionamos estes nós criados com os nós figurativos que existem na vida. Com o novelo em nossas mãos, seguimos com a atividade das linhas que nos unem, a partir de perguntas norteadoras para estimular a verbalização de problemas, escuta ativa e criar conexões entre os estudantes. Instigamos: que nó você gostaria de desatar na sua vida? Qual é o seu laço afetivo mais importante? Como você cuida desses laços? Qual nó/laço afetivo você não quer desatar? Qual nó de sua vida você terá que resignificar? Como você cuida dos laços afetivos que formou? Qual parte da sua história você ainda está costurando?

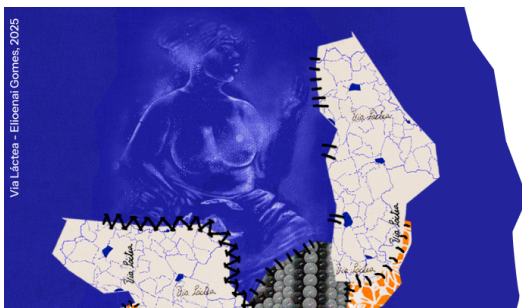


Figura 2. Atividade pedagógica em Artes Visuais no EJA



Fonte: As autoras, 2025.

Conforme perguntávamos aos estudantes, eles eram convidados a se enrolarem nesse único novelo criando uma teia de sentimentos e memórias. Notamos que quanto maior parecia o problema mais voltas o estudante dava em si. Já com todos os alunos enrolados, chegou o momento de desalinhar, onde de um por um, mais uma vez foram estimulados a compartilhar um obstáculo que gostaria de ser superado.

Nas duas turmas houve estudantes que não quiseram participar, ou que perdiam o foco rapidamente, com o 9º ano tendo um número maior desses casos, além de alunos que no começo da prática em meio a brincadeiras paralelas, atrapalharam propositalmente a fala de outros alunos. No entanto, se mostrou uma atividade proveitosa, onde muitos compartilharam suas opiniões e pensamentos de forma profunda, causando reconhecimento de si e de seus colegas como indivíduos que também passam por dificuldades e alívios, portanto estimulando a capacidade de criar empatia e pertencimento.

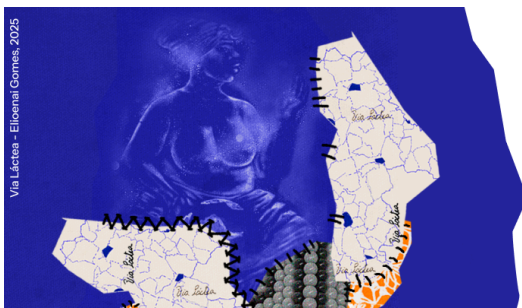


Figura 2. Atividade pedagógica em Artes Visuais no EJA



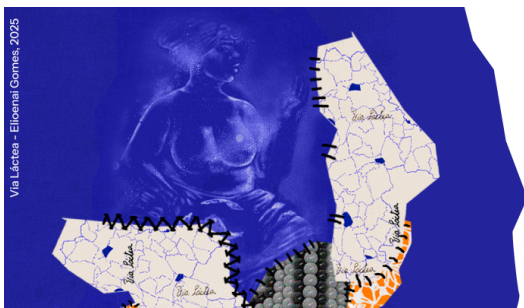
Fonte: As autoras, 2025

4. PONTOS, NÓS E ARREMATES

Nesse artigo apresentamos nossa experiência na educação de jovens e adultos (EJA) e refletimos sobre o perfil das turmas que observamos, enfatizando o planejamento de aulas que valorizem subjetividades individuais e coletivas dos estudantes, assim, acolhendo e valorizando suas trajetórias de vida. A EJA é uma modalidade cheia de desafios e aprendizagens que nos permitiu aprimorar nossa capacidade de observação e reflexão, entrelaçando arte e vida.

Alguns estudantes confessaram pesquisar fotos e vídeos sobre as obras de Bispo do Rosário após a aula. Esse fato comprova que alcançamos o objetivo de estimular a participação e curiosidade dos alunos para momentos além da sala de aula.

O uso de objeto propositivo em arte como recurso poético e didático mostrou-se eficaz ao criar um ambiente aberto para a escuta ativa, onde os estudantes foram protagonistas, promovendo uma socialização mais respeitosa.



Sendo possível o compartilhamento de vivências pessoais: o nó que gostariam de desatar vai desde o desejo de superação da preguiça e do atraso até o fim de relacionamento tóxico; a família foi citada como o laço afetivo que gostariam de manter, mas que muitas vezes não cuidam; os estudantes mais velhos possuem o sonho de finalizar a EJA e ir em busca do ensino superior. A linha utilizada se mostrou um artefato crucial, tramando uma teia de conexões entre os estudantes, a partir da memória afetiva, dos saberes, da empatia e do pertencimento.

Por meio do objeto propositor em Arte, escutamos relatos que nos fizeram compreender o caráter transformador da educação. Mortes recentes, doenças e abuso sexual são os nós que alguns estudantes querem ressignificar. E esperamos que consigam. Foi possível entendê-los como pessoas que possuem suas próprias histórias, o que nos fez questionar a maneira de se ensinar e aprender Arte.

Por fim, gostaríamos de ressaltar a importância de aulas criativas para a permanência do estudante EJA, ao qual ele se sinta à vontade para expressar seus pensamentos. Como arte educadoras, esperamos apertar nosso ponto com uma educação horizontal, formar laços com nossos educandos e bordar histórias de superação e aprendizagem.

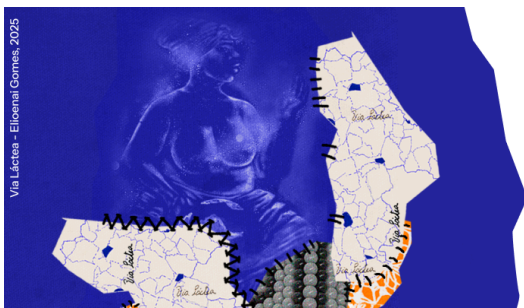
REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018. 176 páginas.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 set. 2025.

CLAUS, Marta. *Arthur Bispo do Rosário: A criação artística como reorganização de mundos*. Revista Eletrônica do Grupo PET -Universidade Federal de São João Del-Rei, Ano II, Número II, 2006. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Arquivos/Marta_Claus_Arthur_Bispo_do_Rosario_A_criacao_artistica_como_reorganiza.pdf Acesso em: 25 agos. 2025.

FERNÁNDEZ, Tatiana. Objetos de aprendizagem e ensino das artes visuais: uma análise. In: 15º ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA, 15.,



2016, Brasília. *Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia*, 2016, Brasília. p 271-282. Disponível em: <https://art.medialab.ufg.br/p/18056-15-art-2016> Acesso em: 14 set. 2025.

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. Objetos de Aprendizagem Poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação. In: 24º ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS: COMPARTILHAMENTOS NA ARTE: REDES E CONEXÕES, 2015, Santa Maria, RS. *Anais do 24º Encontro Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Santa Maria, RS: Ed. Santa Maria ANPAP/PPGART/CAL/UFSM, 2015, v. 24 p 8-4143. Disponível em: <https://anpap.org.br/anais/2015/> Acesso em 14 set. 2025.

FRANÇA, Suzane Bezerra de; SOUZA, Daniela Pedrosa de. Evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos: um estudo na rede estadual de ensino de Pernambuco. *Revista Educação e Emancipação*, v. 14, n. 3, 2021, p.331-360. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/18194>. Acesso em: 12 set 2025.

FILHO, Alcides A. de Souza; CASSOL, Ateneza Pires; AMORIM, Antonio. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. 29 (112) Jul-Sep, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/4b8tWfCRNXmBxCt8CzC3chQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 set 2025.